

INTRODUZINDO ARGUMENTOS À ESTRUTURA VERBAL KARITIANA

Ivan ROCHA*

- RESUMO: O artigo discute o processo de introdução de argumentos adicionais à estrutura básica do verbo na língua Karitiana (língua da família Tupi, subfamília Arikém, localizada em Rondônia, com uma população de 396 indivíduos e 333 falantes). Adota-se, para análise e discussão dos dados, duas propostas teóricas (i) a teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002) e (ii) a proposta teórica de núcleos aplicativos de Pykkänen (2008). Na proposta teórica (i), Karitiana apresenta quatro tipos de verbos (1 - intransitivo, 2 - intransitivo com objeto oblíquo, 3 - transitivo e 4 - bitransitivo), já na segunda proposta, por sua vez, mais econômica, a língua é analisada como tendo apenas dois tipos verbais (1 - intransitivo e 2 - transitivo). Nesta última, o sistema verbal Karitiana apresenta duas estruturas básicas em que argumentos extras são incrementados por meio de núcleos aplicativos e *Voice*. Este adiciona argumentos altos na estrutura em estruturas causativas. Os aplicativos são de dois tipos, isto é, o alto que insere um argumento extra acima do VP e o baixo que adiciona argumentos extras abaixo ou internamente ao VP.
- PALAVRAS-CHAVE: Estrutura Argumental. Aplicativos. Classes Verbais. Língua Karitiana.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar teórico e empiricamente a estrutura argumental dos verbos em Karitiana com base em duas teorias de estrutura argumental - Hale e Keyser (2002) e Pykkänen (2008)-, mostrando como argumentos são adicionados à estrutura básica do verbo. Apresentar-se-á ainda uma descrição dos verbos e os testes morfossintáticos utilizados na descrição.

O povo Karitiana pertence à família Tupi, subfamília Arikém, localizado no estado de Rondônia, Brasil e, atualmente, conforme o censo realizado em 2016 e 2017 (ROCHA, 2018) registrou-se aproximadamente uma população de 396 indivíduos com apenas 333 falantes.

* Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo - SP e Programa de Capacitação Institucional (PCI/CNPq), Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém - PA, Brazil. ORCID: 0000-0001-6533-4528. rocha.i@alumni.usp.br.

Testes morfossintáticos para identificar classes verbais

Apresentar-se-ão os testes morfossintáticos para identificar valência verbal em Karitiana. Os testes aplicados são: (i) o padrão de concordância, (ii) o padrão de alternância causativo-incoativa, (iii) passivização e (iv) o fato de o núcleo da mini-oração, complemento da cópula, exigir um predicado sintaticamente intransitivo.

O padrão de concordância

Karitiana é uma língua ergativa-absolutiva em que o padrão de concordância¹ no verbo dá-se com o argumento absoluto, ou seja, o verbo concorda com o objeto em sentenças transitivas ou com o sujeito em intransitivas (LANDIN, 1984; STORTO, 1999, 2002, 2005, 2010).

Tabela 1 – O verbo transitivo concorda com o objeto (modo declarativo)

Num	Sujeito	Verbo	Objeto	Tradução
1	yn	y-ta-ahoj-ø	yn	“Eu ri de mim.”
	eu	1-DECL-rir-NFUT ²	eu	
2	yn	a-ta-ahoj-ø	an	“Eu ri de você.”
	eu	2-DECL-rir-NFUT	você	
3	yn	ø-na-ahoj-ø	i	“Eu ri dele.”
	eu	3-DECL-rir-NFUT	ele	

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 – O verbo intransitivo concorda com o sujeito (modo declarativo)

Num	Verbo	Sujeito	Tradução
1	y-ta-ahy-t	yn	“Eu bebi.”
	1-DECL-beber-NFUT	eu	
2	a-ta-ahy-t	an	“Você bebeu.”
	2-DECL-beber-NFUT	você	
3	ø-na-ahy-t	i	“Ele bebeu.”
	3-DECL-beber-NFUT	ele	

Fonte: Elaboração própria.

¹ A definição de concordância utilizada é da teoria de ligação (*Case Binding theory*) que diz que um núcleo funcional concorda com diferentes argumentos em diferentes configurações sintáticas (STORTO, 1999 p. 154; BITTNER; HALE, 1996).

² GLOSAS: 1, 2, 3: concordância de primeira, segunda e terceira pessoas; DECL: modo declarativo; NFUT: não-futuro; ASSERT: modo assertivo; CAUS: causativizador; OBL: oblíquo; PASV: passivizador; COP: cópula; PART: particípio/nominalizador; ADVZR: adverbializador; PAST: passado; FOC: foco; 1/2/3SG: primeira, segunda e terceira pessoa do singular; PRES: presente; APPL: morfema aplicativo; FV: vogal final (final vowel); C1/C7/C9: classes 1, 7 e 9; ASP: aspecto; SP: prefixo de concordância de sujeito; SUB: sujeito.

- (4) Agramaticalidade de um verbo transitivo com {m-} (modo assertivo)
- a. \emptyset -pyr-oky-dn boroja taso
 3-ASSERT-matar-NFUT cobra homem
 “O homem matou a cobra.”
- b. * \emptyset -py-m-oky-dn boroja taso
 3-ASSERT-CAUS-matar-NFUT cobra homem
 “O homem matou a cobra.”
- (5) Agramaticalidade de um verbo bitransitivo com {m-} (modo assertivo)
- a. y-pyry-hit-<y>n boet-<e>ty taso
 3-ASSERT-dar-NFUT colar-OBL homem
 “O homem me deu o colar.”
- b. *y-pyry-m-hit-<y>n boet-<e>ty taso
 1-ASSERT-CAUS-dar-NFUT colar-OBL homem

Passivização impessoal com o morfema {a-}

A passivização impessoal {a-} constitui a terceira evidência morfossintática para identificar classes verbais. O morfema de passiva impessoal é usado apenas com verbos sintaticamente transitivos. Verbos intransitivos ficam agramaticais ao serem afixados pelo morfema {a-} (ROCHA, 2011; STORTO, 2001; STORTO; ROCHA, 2015).

- (6) Passivização de verbos transitivos
- a. \emptyset -pyr-oky-dn boroja taso
 3-ASSERT-matar-NFUT cobra homem
 “O homem matou a cobra.”
- b. \emptyset -pyr-a-oky-dn boroja
 3-ASSERT-PASV-matar-NFUT cobra
 “A cobra foi morta.”
- (7) Gramaticalidade de um verbo bitransitivo com {a-} (modo assertivo)
- a. y-pyry-hit-<y>n boet-<e>ty taso
 3-ASSERT-dar-NFUT colar-OBL homem
 “O homem me deu o colar.”
- b. y-pyr-a-hit-<y>n boet-<e>ty
 1-ASSERT-PASV-dar-NFUT colar-OBL
 “Me deram o colar.”

Os exemplos (6a) e (7a) podem ter a redução de valência através do uso do morfema {a-}. O argumento externo do verbo é demovido da estrutura e não pode ser recuperado através de uma *by-phrase* (como o agente da passiva). O resultado dessa

(16) Verbos transitivos nucleando a mini-orção de cópulas

- a. boroja \emptyset -na-aka-t i-a-oky-t
 cobra 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-matar-ADVZR
 “A cobra foi morta.”
- b. asyryty \emptyset -na-aka-t i-a-’y- \emptyset
 banana 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-comer-ADVZR
 “A banana foi comida.”
- c. asyryty \emptyset -na-aka-t i-a-hit- \emptyset (pikom-ty)
 banana 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-dar-ADVZR macaco-OBL
 “A banana foi dada para o macaco.”

O grupo de exemplos em (14) mostra verbos intransitivos ocorrendo no núcleo da mini-orção. A agramaticalidade das sentenças no grupo de exemplos em (15), em que verbos transitivos estão nucleando a mini-orção, atesta que somente verbos intransitivos podem ocupar este ambiente sintático. Verbos transitivos não podem ocorrer em construções de cópulas (15) a menos que eles sejam antes passivizados, tornando-se sintaticamente intransitivos conforme os exemplos em (16a-c).

Tabela 5 – Resumo dos testes morfossintáticos

	Teste 1	Teste 2	Teste 3	Teste 4
Tipo de verbo	Concordância	{m-}	{a-}	Ambiente de cópula
transitivo	objeto	não	sim	não
bitransitivo	objeto direto	não	sim	não
intransitivo	sujeito	sim	não	sim
intransitivo com objeto oblíquo	sujeito	sim	não	sim

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 5 mostra a valência verbal na primeira coluna; na segunda, apresenta-se o teste 1, ou seja, se o verbo faz concordância com o objeto ou com o sujeito; na terceira coluna, o teste 2 que mostra se o tipo de verbo da coluna 1 aceita ou não a causativização pelo morfema {m-}; na quarta coluna, o teste 3 mostra se o verbo aceita ou não a passivização impessoal com o morfema {a-}; e, por fim, na quinta coluna, apresenta-se o teste 4 em que se mostra qual tipo de verbo pode ocorrer em uma mini-orção em ambiente de cópula.

As teorias de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002) e Pylkkänen (2008)

Hale e Keyser (2002)

Para Hale e Keyser (2002), a possibilidade ou impossibilidade de ocorrência do processo de alternância de valência deve-se ao fato de uma raiz verbal ser ou não ser predicativa - em outras palavras - se essa raiz exige ou não um argumento interno. Desta forma, o comportamento de um verbo no que diz respeito à transitivização é definido pelas propriedades dos elementos, com os quais a estrutura do verbo é composta. As raízes (R) predicativas projetam um argumento interno à estrutura, cuja posição dá-se no especificador de V2 em estruturas de verbos do tipo inacusativos.

(17) Demonstrando as posições estruturais de um verbo:



Em (17), o complemento do núcleo é a própria raiz (R), o núcleo é um verbalizador (V) e o especificador do núcleo V será rotulado de Spec, ou especificador interno. A noção de especificador interno na *estrutura diádica composta* é muito importante para esta proposta teórica, uma vez que esse especificador é um elemento pivô na alternância causativo-incoativa.

Versão transitiva
Someone/something broke

pivô
the pote

Versão intransitiva
.
broke.

A operação de *conflation* é um processo proposto por Hale e Keyser (2002), semelhante ao processo de incorporação em Baker (1988a). Esta operação pode ser resumida como um processo de fusão entre dois núcleos em c-comando mútuo ou entre um núcleo e seu complemento. O núcleo ao qual o complemento se funde deve ser vazio ou fonologicamente defectivo (afixal). Este processo é utilizado tanto para a derivação de um verbo a partir de uma raiz (R) quanto para o processo de aumento de valência de um verbo.

Conflation é o processo conforme o qual a matriz fonológica do núcleo de um complemento C é introduzida na matriz fonológica vazia do núcleo que seleciona (e é consequentemente irmão de) C (HALE; KEYSER, 2002, p. 12, tradução nossa)³.

³ Original: "Conflation is restricted to the process according to which the phonological matrix of a head of a complement C is introduced into the empty phonological matrix of a head that selects (and is accordingly sister to) C" (HALE;

Conflation consiste no processo de copiar a assinatura fonológica do complemento na assinatura fonológica do núcleo; o núcleo deve ser defectivo (HALE; KEYSER 2002, p.63, tradução nossa)⁴.

A proposta de Hale e Keyser (2002) prevê quatro tipos de projeções que descrevem os verbos de uma dada língua: a *monádica*, a *diádica composta*, a *diádica básica* e uma *atômica*. Serão discutidas aqui apenas as três primeiras, que são aquelas que descrevem os verbos em Karitiana.

Na estrutura *monádica*, o núcleo V projeta apenas o complemento, de modo que não há projeção de um especificador. E descreve tanto os verbos transitivos quanto os verbos inergativos⁵.

A estrutura *diádica composta* apresenta dois núcleos Vs, um mais alto e o outro mais baixo. Sendo que o mais baixo (V2) é responsável pela derivação da versão intransitiva de um verbo alternante enquanto o núcleo mais alto (V1) deriva a versão transitiva desse mesmo verbo. A raiz (R) presente em verbos alternantes é um predicador que força o núcleo V2 mais baixo a projetar um especificador na estrutura (HALE; KEYSER, 2002).

A estrutura *diádica básica* apresenta um núcleo P que projeta um complemento e um especificador, de modo que P é tomado como complemento de uma projeção *monádica* para tornar-se uma estrutura verbal (HALE; KEYSER, 2002).

As representações estruturais dizem respeito às relações entre núcleos, especificadores e complementos. São essas relações que permitem compor certas estruturas lexicais (HALE; KEYSER, 2002).

Pylkkänen (2008)

Conforme Pylkkänen (2008), a maioria das línguas apresenta a estratégia de núcleos aplicativos para adicionar um objeto indireto à estrutura básica de um verbo. Esta possibilidade foi amplamente atestada nas línguas bantas. Na literatura destas línguas, argumentos adicionais são chamados de argumentos aplicados e as construções resultantes chamadas de construções aplicativos.

De acordo com a autora, o inglês (19) e a língua chaga (20) apresentam uma construção de duplo objeto com um argumento benefactivo aplicado, mas somente em chaga é possível adicionar um participante benefactivo a um verbo inergativo, como nos exemplos a seguir:

KEYSER, 2002, p.12).

⁴ Original: “*Conflation consists in the process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is defective.*” (HALE; KEYSER 2002, p. 63).

⁵ Verbos inergativos não apresentam argumentos internos, e uma vez que eles não projetam argumentos internos não há atribuição de caso nominativo ao argumento externo (BURZIO, 1986). Na proposta de Hale e Keyser (2002), esses verbos não têm um especificador interno em suas estruturas, dado isso, eles não apresentam alternância causativo-incoativa, pois para ocorrer alternância causativa é necessário que haja especificador interno, que funcionará como sujeito em uma versão intransitiva de um verbo inacusativo e como objeto na versão transitiva dos inacusativos.

(19) Argumentos aplicados em inglês

- a. I baked a cake b. I baked him a cake
eu assar.PAST um bolo eu assar.PAST ele um bolo
“Eu assei um bolo.” “Eu assei um bolo para ele.”
- c. I ran d. *I ran him
eu correr.PAST eu correr.PAST ele

(Exemplos de Pylkkänen (2008, p.11))

(20) Verbos inergativos com argumentos aplicados em chaga

- a. N-ä-i-li-í-à m-kà k-élyá
FOC-1SUB-PRES-comer-APPL-FV C1-esposa C7-comida
“Ele está comendo comida por sua esposa.
- b. N-ä-i-zric-í-à m-bùyà
FOC-1SUB-PRES-correr-APPL-FV C9-amigo
“Ele está correndo por um amigo.”

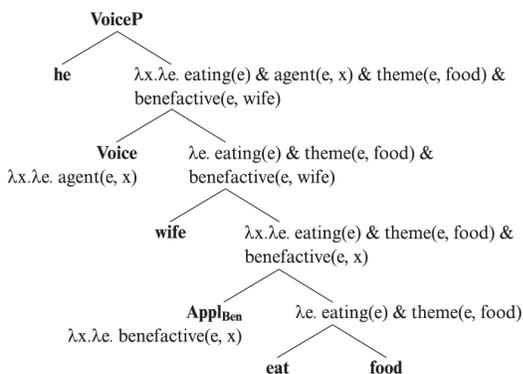
(BRESNAN; MOSHI, 1990 *apud* PYLKKÄNEN, 2008, p.11)

Para a autora, existe apenas uma aparente similaridade semântica entre os benefactivos das línguas chaga e inglês, visto que em chaga, o núcleo aplicativo relaciona um indivíduo ao evento descrito pelo VP, já em inglês, o núcleo aplicativo relaciona um indivíduo ao objeto direto.

A autora argumenta que, translinguisticamente, as construções aplicativos dividem-se em dois tipos, tal como visto pela assimetria em (19) e (20).

Na presente proposta teórica, núcleos sintáticos combinam com seus complementos e especificadores composicionalmente, através das regras de Aplicação Funcional e Modificação de Predicado (PYLKKÄNEN, 2008):

(21) Estrutura aplicativo alta



(PYLKKÄNEN, 2008, p. 12)

Inacusativo - alternante

(25) anīiyu
3SG.dormir
“Ele dormiu.”

(26) Sewaki i-ma-iyu he anu
Sewaki 3SG-CAUS-dormir ele ASP
“Sewaki o fez dormir.” (Lit. Sewaki o dormiu.)

Inergativo

(27) tahu apī
correr cachorro
“Cachorro correu.”

(28) una apī y-ū-tahu anu
eu cachorro 3SG-CAUS-correr ASP
“Eu fiz cachorro correr.”

(FARGETTI, 2001, p. 186-190).

Os exemplos em (25-28) evidenciam o fato de Juruna exibir duas estruturas distintas para os verbos intransitivos: *monádica* para os verbos inergativos e *diádica composta* para os verbos inacusativos alternantes.

Verbos diádicos compostos: inacusativos

Todos os verbos intransitivos em Karitiana são descritos pela estrutura *diádica composta*. Em (31), mostra-se a projeção argumental de um verbo inacusativo alternante em que uma raiz predicativa R, como *otam* ‘chegar’ e *terekterek* ‘dançar’, requer um especificador (interno), que é projetado pelo núcleo V2, estrutura típica de verbos inacusativos. O especificador é realizado pelo NP *taso* ‘homem’.

Formação da versão intransitiva dos verbos *otam* e *terekterek*

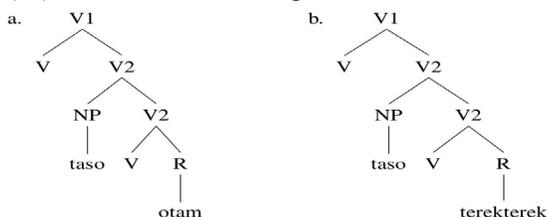
(29) \emptyset -na-otam- \emptyset taso
3-DECL-chegar-NFUT homem
“O homem chegou.”

(30) \emptyset -na-terek.teregnng- \emptyset taso
3-DECL-dançar-NFUT homem
“O Homem dançou.”

Pré-conflation

Em (31), apresenta-se a configuração de pré-conflation em que a raiz R está na posição de complemento do núcleo V2 (verbalizador), onde uma raiz do tipo *otam* ou *terekterek* projetam seus especificadores internos (o NP *taso*) através do núcleo de uma estrutura diádica composta.

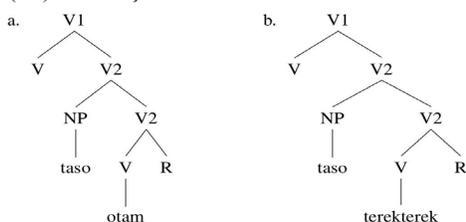
(31) Estrutura diádica composta formando verbos inacusativos a partir de R



Primeira operação de *conflation*

Em (32), ocorre a primeira operação de *conflation* em que a raiz R funde-se ao núcleo verbalizador V2 para formar a versão intransitiva, gerando os verbos *otam* em (29) e *terekterek* em (30).

(32) Formação de verbos inacusativos



Os exemplos a seguir exibem as contrapartes transitivas dos dados em (29) e (30), respectivamente.

Formação da versão transitiva dos verbos *otam* e *terekterek*

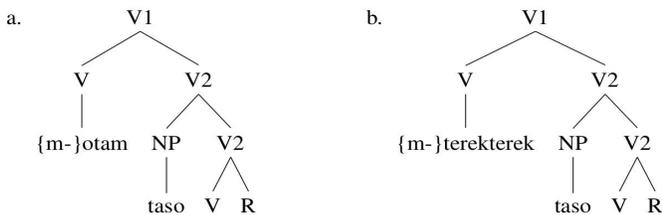
(33) Maria \emptyset -na-mb-otam- \emptyset João
 Maria 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT João
 “A Maria fez o João chegar.” (Lit. A Maria chegou o João)

(34) Yn \emptyset -na-m-terektereng- \emptyset taso
 eu 3-DECL-CAUS-dançar-NFUT homem
 “Eu fiz o homem dançar.” (Lit. Eu dancei o homem.)”

Segunda operação de *conflation*

Em (35a, b), ocorre a segunda operação de *conflation* para formar a versão transitiva dos verbos *otam* e *terekterek* através da fusão dos núcleos verbalizadores V1 e V2. Nesta instância do processo, introduz-se o morfema causativo {m-} para transitivizar os verbos intransitivos.

(35) Formação da versão transitiva



A operação da fusão dos núcleos V1 com V2 forma a versão causativa de verbos inacusativos como em (33) e (34) a partir de (29) e (30), respectivamente.

Verbos diádicos compostos com objeto oblíquo

Dentre os verbos inacusativos alternantes em Karitiana, há uma subclasse que pode projetar um objeto indireto opcional. Morfossintaticamente, essa subclasse de intransitivos passa pelos mesmos testes aplicados aos verbos *otam* e *terekterek*. Os verbos analisados nessa subclasse até o momento são: *a'ak* 'gostar sexualmente'; *hōroj* 'mentir'; *kārā* 'ter ciúme'; *koro'op pasap* 'ter saudade'; *opihok* 'escutar'; *opiso* 'ouvir'; *paket* 'ter nojo'; *pasadn* 'amar'; *pi* 'temer (ter medo de)'; *pyppyyt* 'saber (ter a habilidade de fazer algo)'; *pyso* 'tocar com a mão/ tatear'; *pytim okokit* 'enjoar'; *pyting* 'querer, desejar algo'; *so'oot* 'ver'; *sondyp* 'saber' (de algo); e *tirira* 'tremor' (ROCHA, 2011). Adotar-se-á o verbo *so'oot* como sendo um verbo prototípico dessa subclasse, e ao longo do texto será mencionado como o verbo tipo-*so'oot*.

Em (36), apresentar-se-á o paradigma do verbo do tipo-*so'oot* em uma sentença assertiva, cuja ordem de constituinte é sempre verbo-inicial VS (com a possibilidade de adicionar um objeto oblíquo). Além disso, é possível a ordem V(Objeto oblíquo) S. Já no caso de uma sentença transitiva, as ordens são VOS e VSO. As propriedades sintático-semânticas desse tipo de verbo são distinguidas daqueles do tipo *otam* e *terekterek*, ou seja, *so'oot* apresenta (i) um objeto oblíquo e (ii) o sujeito com papel semântico experienciador (ROCHA, 2011).

(36) \emptyset -py-so'oot-yn (pykom-ty) ðwã
3-ASSERT-ver-NFUT (macaco-OBL) criança.
"A criança viu o macaco."

(37) * \emptyset -pyr-a-so'oot-yn ðwã (boet-<e>ty)
3-ASSERT-PASV-ver-NFUT criança (colar-OBL)

Os verbos do tipo-*so'oot* não permitem a formação de passiva impessoal pelo morfema de passiva {a-}, como mostra o exemplo agramatical em (37), obedecendo o mesmo padrão dos verbos *otam* e *terekterek*.

- (38) y-py-m-so'oot-yn ðwã yn (pikom-ty)
 1-ASSERT-CAUS-ver-NFUT criança eu (macaco-OBL)
 “A criança me fez ver o macaco.”

O exemplo (38) mostra o verbo *so'oot* sendo causativizado pelo morfema {m-} como um verbo inacusativo. Além disso, a marca de concordância absolutiva {y-} é realizada com o pronome *yn* ‘eu’, que está funcionando como objeto.

- (39) y-pyr-a-m-so'oot-<y>n yn (boet-<e>ty)
 1-ASSERT-PASV-CAUS-ver-NFUT eu colar-OBL
 “Me fizeram ver o colar.”

Em (37), o verbo *so'oot* não pode ser passivizado diretamente pelo morfema {a-}. No entanto, a construção seria gramatical se antes o verbo for causativizado por {m-} como em (38), introduzindo um argumento externo – causa ou agente – para licenciar o uso da passiva em (39).

- (40) ðwã Ø-na-aka-t i-so'oot-Ø (pikom-ty)
 criança 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR macaco-OBL
 “A criança viu o macaco.”

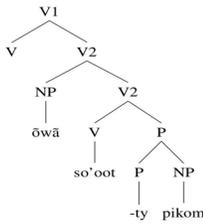
O exemplo (40) mostra que um verbo do tipo *so'oot* pode nuclear a mini-oração, complemento de cópula, ambiente restrito a verbos sintaticamente intransitivos.

Adotar uma estrutura para descrever os fatos observados em verbos do tipo *so'oot* em (36)–(40) é relativamente complexo, visto que a abordagem teórica adotada apresenta as três estruturas verbais básicas: *diádica composta*, *diádica básica* e *monádica*.

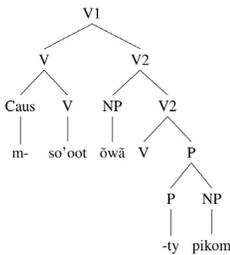
O verbo do tipo *so'oot* apresenta a estrutura de um verbo *diádico composto*, visto que o tipo de alternância e o ambiente sintático em que ele ocorre é o mesmo em que ocorre *otam* e *terekterek*, exceto pelo fato de exigir semanticamente um objeto, que, sintaticamente, aparece oblíquo, que pode ser demovido. Contudo, a estrutura *diádica composta* não descreve o fato de ter um complemento oblíquo. Por outro lado, poderíamos considerar a estrutura *diádica básica*, que daria conta deste complemento oblíquo, mas ela não seria sensível à propriedade alternante desse tipo de verbo, já que a estrutura *diádica básica* é uma estrutura *monádica* que pega um sintagma (pré-) posicionado como seu complemento (doravante P-complemento).

Tendo isto em vista, Rocha (2011) adotou uma estrutura derivada de uma *diádica composta*, que é prevista em Hale e Keyser (2002), que, nesse caso, ao invés de ter uma raiz (R) como complemento do núcleo verbal mais baixo (V2), tem-se um P-complemento. Assim, descrevemos a alternância do verbo em questão, pois ao mesmo tempo em que a estrutura permite a alternância causativo-incoativa permite a projeção do objeto oblíquo (41).

(41) Estrutura diádica composta com um P-complemento (versão intransitiva)



(42) Estrutura diádica composta com um P-complemento (versão transitiva)



A estrutura diádica básica com um P-complemento deve descrever a alternância que verbos do tipo-*so'oot* fazem ao mesmo tempo em que a estrutura capta o objeto oblíquo.

Verbos transitivos: estrutura monádica

Quanto aos verbos transitivos, a análise proposta por Rocha (2011) é de que os verbos transitivos podem ser descritos pela estrutura monádica. A seguir, apresentar-se-á um paradigma verbal de um verbo do tipo transitivo (43)–(47); os exemplos são retirados de Rocha (2011).

Verbo transitivo no modo assertivo (VSO)

- (43) Ø-pyry-'y-dn taso asyryty
 3-ASSERT-comer-NFUT homem banana
 “O homem comeu a banana.”

Verbo transitivo sendo passivizado via {a-} no modo assertivo (VS)

- (44) Ø-pyr-a-'y-dn asyryty
 3-ASSERT-PASV-comer-NFUT banana
 “A banana foi comida.”

Verbo transitivo com o morfema {m-} no modo assertivo

- (45) *Ø-pyry-m-'y-dn asyryty taso
3-ASSERT-CAUS-comer-NFUT banana homem

Verbos transitivos não podem ser causativizados via {m-} como atestado em (45). O dado em (46) é agramatical pelo fato de ocorrer o morfema {m-} e não pela passivização com {a-}

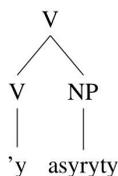
- (46) *Ø-pyr-a-m-'y-dn asyryty
3-ASSERT-PASV-CAUS-comer-NFUT banana

Construção de cópula com verbo transitivo no núcleo da mini-orção

- (47) *asyryty Ø-na-aka-t i-'y-t
banana 3-DECL-COP-NFUT PART-comer-ADVZR

O dado em (47) mostra a restrição de um verbo transitivo ocorrer como núcleo da mini-orção complemento de cópula.

(48) Estrutura monádica – verbo transitivo



A estrutura (48) descreve os verbos transitivos. Esses verbos, em termos de estrutura argumental, projetam um complemento, visto pelo NP *asyryty* 'banana', e não projetam um especificador como é previsto na teoria adotada (HALE; KEYSER, 2002).

Verbos diádicos básicos: bitransitivos

Os verbos bitransitivos são: *hit* 'dar', *hit'it* 'emprestar' e *oigng* 'presentear'. Todos eles apresentam o mesmo padrão morfossintático como se pode ver em (49) – (53). Observe que a concordância dá-se com o argumento interno não posicionado em (49). O argumento com papel semântico TEMA recebe a marca de oblíquo (-*ty*). Assim, como os transitivos, os verbos bitransitivos podem ser passivizados diretamente pelo morfema de passiva {a-} em (50); não aceitam a causativização com {m-}, como mostra o exemplo (51), nem mesmo após terem sido passivizados como em (52), bem como não podem nuclear a mini-orção em ambiente de cópula (53).

Verbo bitransitivo *oigng* ‘presentear’ no modo assertivo

- (49) y-pyr-oigng-<a>n òwã boet-<e>ty
 1-ASSERT-presentear-NFUT criança colar-OBL
 “A criança me presenteou com um colar.”

Verbo bitransitivo no modo assertivo passivizado via {a-}

- (50) Ø-pyr-a-oigng-<a>n òwã boet-<e>ty
 3-ASSERT-PASV-presentear-NFUT criança colar-OBL
 “Presentearam a criança com um colar.”

Verbo bitransitivo no modo assertivo com o morfema causativo {m-}

- (51) *y-py-m-oigng-<a>n òwã boet-<e>ty
 1-ASSERT-CAUS-presentear-NFUT criança colar-OBL

Verbo bitransitivo no modo assertivo com os morfemas {a-} e {m-}

- (52) *Ø-pyr-a-m-oigng-<a>n òwã boet-<e>ty
 3-ASSERT-PASV-CAUS-presentear-NFUT criança colar-OBL

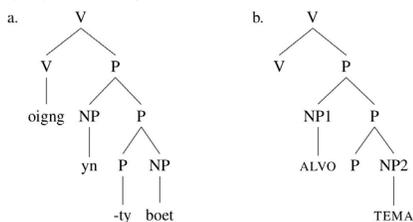
Verbo bitransitivo no núcleo da mini-orção em construções de cópula

- (53) *taso Ø-na-aka-t i-oigng-<a>t boet-<e>ty
 homem 3-DECL-COP-NFUT PART-presentear-ADVZR colar-OBL

Os verbos bitransitivos, além de apresentarem um padrão morfossintático comparável aos transitivos, compartilham de características sintáticas e semânticas dos verbos intransitivos com objetos oblíquos, que é, nesse caso, o argumento oblíquo opcional com papel semântico tema. Assim, de maneira análoga aos verbos intransitivos com objeto oblíquo que são sintaticamente intransitivos e semanticamente transitivos, os bitransitivos são sintaticamente transitivos e semanticamente bitransitivos (ROCHA, 2011; STORTO; ROCHA, 2015).

Conforme os fatos apresentados em (49)–(53), os verbos bitransitivos têm o argumento ALVO mais alto na estrutura e o TEMA mais baixo. Este último recebe a marca de {-ty}. Diante dos fatos, a estrutura que melhor descreve o comportamento desses verbos é a estrutura diádica básica em (54).

(54) Derivação de verbos diádicos básicos: bitransitivos



A estrutura (54) pode ser decomposta da seguinte maneira: uma estrutura *monádica* toma como complemento um núcleo P que projeta o argumento ALVO no seu especificador e um argumento TEMA na sua posição de complemento ((54)-b) (HALE; KEYSER, 2002). Assim, a estrutura (54) descreve a transitividade do verbo, além de representar e descrever os fatos de os verbos bitransitivos mostrarem o argumento tema mais baixo na estrutura, tal como verbos de duplo objeto do inglês. Só que em Karitiana, o argumento com papel semântico tema é introduzido por uma posposição devido à restrição de argumentos nucleares.

Adicionando argumentos

Nesta seção, analisam-se como argumentos extras são adicionados aos verbos intransitivos, bitransitivos e transitivos em Karitiana com base na proposta teórica de núcleos aplicativos em Pylkkänen (2008). A autora assume que verbos têm uma estrutura básica e um núcleo funcional que permite a introdução de um argumento adicional; a autora trata esse núcleo funcional como núcleo aplicativo; o argumento adicionado é, portanto, chamado de argumento aplicado.

Segundo a proposta de Pylkkänen (2008), os núcleos *voice* e aplicativos (alto e baixo) introduzem um argumento não-nuclear⁶ à estrutura sintática básica do verbo. Assim, o núcleo *Voice* introduz um argumento externo ao VP enquanto o aplicativo alto adiciona um argumento extra acima do VP, relacionando o argumento externo ao evento descrito pelo VP; já o aplicativo baixo adiciona um argumento internamente ao VP, relacionando os dois argumentos internos do verbo.

Baseando-se na proposta teórica de Pylkkänen (2008), Karitiana apresenta apenas duas classes de verbos: uma transitiva e outra intransitiva. Deste modo, os argumentos adicionais são introduzidos via núcleos aplicativos altos e baixos. Assim, tanto verbos como *oky* 'matar' quanto *hit* 'dar' apresentam a mesma estrutura argumental básica, sendo que ao verbo *hit* pode-se adicionar um argumento aplicado. Os verbos intransitivos como *otam* 'chegar' e *so'oot* 'ver' compartilham a mesma estrutura básica entre si; contudo, a estrutura de verbos como *so'oot* recebe um argumento sintaticamente adicional, introduzido por um núcleo aplicativo baixo.

As construções analisadas como causativização analítica (ROCHA, 2011, 2014) ou perifrástica (EVERETT, 2006) são reanalisadas aqui como construções aplicativos altas.

Assim, os núcleos introdutores de argumentos são:

- i. **Voice:** introduz o argumento externo aos verbos intransitivos inacusativos via morfema causativo {m-}, transitivizando-os;

⁶ Entende-se por argumento nuclear um argumento que é exigido e introduzido diretamente pelo verbo sem o auxílio de um núcleo funcional, por exemplo, o objeto direto de um verbo transitivo.

- ii. **Aplicativo alto:** introduz um argumento com semântica instrumental aos verbos transitivos ou transitivizados via *typoong*;
- iii. **Aplicativo baixo:** introduz um argumento aplicado aos verbos intransitivos como *so'oot* ou *hit* via { \emptyset }.

Construção aplicativa alta

Karitiana apresenta uma construção com um núcleo funcional realizado por *typoong* em que há uma leitura instrumental (56). Essas construções têm sido analisadas como construções causativas analíticas por Everett (2006) e ROCHA (2011, 2014).

A seguir oferecemos exemplos que demonstram a adição de um argumento aplicado a uma construção transitiva:

(55) *õwã* \emptyset -na-okop- \emptyset *ot'ep*
 criança 3-DECL-quebrar-NFUT arco
 “A criança quebrou o arco.”

(56) *taso* \emptyset -na-okop- \emptyset *typoong ot'ep õwã-ty*
 homem 3-DECL-quebrar-NFUT APPL.A arco criança-OBL
 “O homem quebrou o arco através da criança.”

Compara-se os exemplos (55) e (56) e veja-se que, no primeiro, o sujeito *õwã* causa uma ação sobre o objeto NP *ot'ep* diretamente. No segundo, *õwã* ainda é o participante que faz a ação de “quebrar o arco”, mas ele funciona apenas como um instrumento de *taso* (o sujeito sintático da oração) para “quebrar o arco”.

(57) **taso* \emptyset -na-okop- \emptyset *ot'ep typoong õwã-ty*
 homem 3-DECL-quebrar-NFUT arco APPL.A criança-OBL
 “O homem quebrou o arco através da criança.”

A agramaticalidade do exemplo (57) mostra que *typoong* forma uma unidade sintática com o verbo, posto que não se pode colocar o objeto entre o verbo e *typoong*.

(58) *yn a-taka-mĩ-t* *typoong an i-ty*
 eu 2-DECL-bater-NFUT APPL.A você ele-OBL
 “Eu bati em você através de/com/usando ele.”

(EVERETT, 2006, p. 442)

O exemplo (58) é usado para atestar que o argumento que aparece após *typoong* é o objeto, já que a concordância no verbo {a-} dá-se com o argumento absolutivo, *an*.

(59) atykiri \emptyset -na-otam- \emptyset João
então 3-DECL-chegar-NFUT João
“Então o João chegou.”

(60) *atykiri (João) \emptyset -na-otam- \emptyset (João) typoong (João) taso-ty
então (João) 3-DECL-chegar-NFUT (João) APPL.A (João) homem-OBL

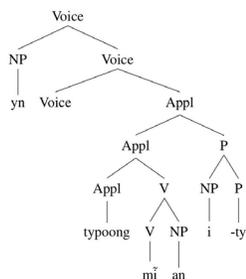
(61) Renato \emptyset -na-mb-otam- \emptyset òwã
Renato 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT criança
“Renato fez a criança chegar.”

(62) Renato \emptyset -na-mb-otam- \emptyset typoong òwã João-ty
Renato 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT APPL.A criança João-OBL
“Renato fez a criança chegar através do João.”

O exemplo (59) é uma estrutura com um verbo intransitivo que ao adicionar (typoong) à estrutura, como em (60), tem-se como resultado uma construção agramatical. A fim de garantir que a agramaticalidade não tenha sido causada devido à posição sintática do sujeito, realizou-se o teste com o sujeito ocupando diferentes posições. Contudo, se a estrutura (59) for antes causativizada via {m-}, adicionando um argumento externo, a construção applicativa é permitida como se pode ver em (62).

Apresentamos a estrutura sintática de um núcleo aplicativo alto que descreve as construções apresentadas em (56), (58) e (62). Para a estrutura (63), considera-se o exemplo (58).

(63) Estrutura applicativa alta



A estrutura (63) de Pylkkänen (2008, p.14) capta o fato de o argumento aplicado ter semântica instrumental. É fato que o argumento com função de sujeito *yn* não afeta diretamente o objeto *an*, mas pelo contrário, o evento de “bater em você” é realizado pelo participante que, aqui, está sendo analisado como argumento aplicado *i-ty* ‘ele-obliquo’.

Construções aplicativas baixas

Nesta seção, mostra-se uma análise de núcleos aplicativos baixos para os verbos do tipo *hit* e *so'oot*, 'dar' e 'ver', respectivamente. Embora tratam-se os dois tipos de verbos, como envolvendo construções aplicativas baixas, é válido mencionar que estes verbos em ((64)-(66)) apresentam estruturas básicas transitivas, enquanto a construção em (68) apresenta a estrutura básica intransitiva.

(64) taso ø-naka-hit-ø ãwã boet-<e>ty
homem 3-DECL-dar-NFUT criança colar-OBL
“O homem deu o colar para a criança.”

(65) taso ø-naka-hit-ø boet-<e>ty
homem 3-DECL-dar-NFUT colar-OBL
“O homem deu o colar.”

(66) taso ø-naka-hit-ø ãwã
homem 3-DECL-dar-NFUT criança
“O homem deu (algo) para a criança.”

(67) y-py-so'oot-<y>n yn pikom-ty
1-ASSERT-ver-NFUT eu macaco-OBL.
“Eu vi o macaco.”

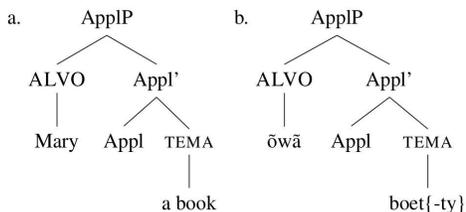
(68) y-py-m-so'oot-<y>n ãwã pikom-ty
1-ASSERT-CAUS-ver-NFUT criança macaco-OBL
“A criança me fez ver o macaco.”

Estrutura para o verbo *hit*

Antes de apresentar a estrutura que descreve o verbo *hit* em Karitiana (64), faz-se uma relação desse tipo de verbo com os verbos em construções de duplo objeto do inglês (69), verificando que ambos apresentam estruturas similares, de modo que o argumento com papel semântico ALVO c-comanda o TEMA, que está mais baixo na estrutura, conforme a representação arbórea em (70). Diferentemente do inglês, nota-se que o argumento TEMA recebe uma marcação oblíqua em Karitiana que aparece realizado pelo sufixo {-ty}. Na presente análise, esse argumento é introduzido pelo núcleo aplicativo baixo.

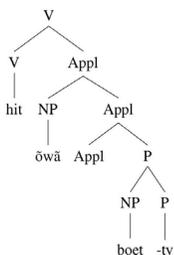
(69) I gave Mary a book. “Eu dei um livro para a Mary.”

(70) O ALVO mais alto do que o TEMA



A estrutura (71) descreve uma construção applicativa baixa, descrevendo verbos do tipo *hit* em Karitiana. Para a representação arbórea (71), considera-se o exemplo apresentado em (64):

(71) Estrutura applicativa baixa para verbos do tipo *hit* em Karitiana



Em (71), o núcleo applicativo seleciona três argumentos: (i) o NP *õwã*, (ii) e o NP *boet* com a posposição *-ty*. Já (iii) é o próprio verbo *hit* que funciona como o terceiro argumento. Hale e Keyser (2002) descrevem as construções de duplo objeto como sendo a estrutura *diádica básica*, que em termos de posição argumental, a construção de duplo objeto tem a configuração das estruturas *with-construction*. Assim, em termos configuracionais, as estruturas *with-construction* e duplo objeto são semelhantes entre si, sendo que a primeira apresenta um núcleo P realizado enquanto a segunda não. Essas duas estruturas diferem da estrutura *to-dative* em que o ALVO se posiciona abaixo do TEMA.

Ressalta-se que na análise frente à proposta teórica em Hale e Keyser (2002), verbos como *hit* em Karitiana e *give* em inglês são depreposicionais enquanto em uma análise com base na proposta de núcleos applicativos de Pylkkänen (2008), essas construções são geradas por meio de um núcleo funcional associado ao verbo para projetar o argumento adicional na estrutura.

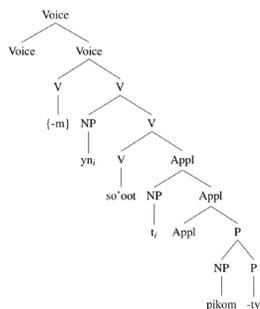
Estruturas para os verbos do tipo *so'oot*

Karitiana apresenta um tipo de verbo intransitivo com a projeção de um objeto oblíquo, analisado por Rocha (2011) como verbos diádicos composto com um

P-complemento na posição da raiz (R) como complemento do núcleo V2 (HALE; KEYSER, 2002). Neste trabalho, serão reanalisados como construções aplicativas baixas usando a proposta teórica de núcleos aplicativos de Pykkänen (2008). Além do argumento oblíquo, verbos desse tipo apresentam um sujeito com papel semântico experienciador.

A proposta de Pykkänen (2008) para núcleos aplicativos prevê que o núcleo aplicativo baixo pegue 3 argumentos: os objetos direto, indireto e o verbo. Pareceria contra-intuitivo dizer que um verbo do tipo *so'oot' ver'* tenha dois argumentos internos; contudo, não é contra-intuitivo pelo seguinte fato: esses verbos são do tipo inacusativo em que o sujeito intransitivo é gerado como argumento interno do verbo. Além disso, pode-se ver que o sujeito da versão intransitiva corresponde ao objeto da versão transitiva (compare o par de exemplos (67 e 68)).

(73) Estrutura de núcleo aplicativo baixo para verbos do tipo *so'oot*



Pelo fato de o verbo *so'oot* poder alternar-se entre uma versão transitiva e intransitiva, a estrutura que descreve esse tipo de verbo deve ter um *slot* para tal alternância. A teoria adotada prevê que argumentos externos sejam introduzidos por um núcleo *voice*, o que motivou a projetar o núcleo *voice* na estrutura para descrever a causativização {m-} em Karitiana.

Considerações finais

O presente trabalho ofereceu um estudo da estrutura argumental da língua Karitiana em que se mostram os testes aplicados para identificar classes verbais (1.1), apresentando a análise descritiva e teórica dada por Rocha (2011) sobre a estrutura argumental com base na proposta de teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002), onde foram descritas 3 classes verbais: (i) transitiva (*monádica*), (ii) bitransitiva (*diádica básica*) e (iii) intransitivas subdividida em 2 subclasses que são os (a) inacusativos 'comuns' (*diádica composta*) e (b) os verbos inacusativos que apresentam um objeto oblíquo (*diádica composta com objeto oblíquo*). Mostrou-se uma reanálise dos verbos em Karitiana, utilizando a proposta teórica de Pykkänen (2008) em que argumentos

adicionais são introduzidos via núcleos aplicativos altos e baixos. Na atual proposta, Karitiana apresenta apenas duas classes verbais: uma transitiva e outra intransitiva, sendo que argumentos oblíquos desses verbos são introduzidos via núcleos funcionais: objetos com {-ty} dos verbos *hit* 'dar' e *so'oot* 'ver' são adicionados via núcleo aplicativo baixo, já os argumentos adicionais como em estruturas com *typoong* são permitidos através do núcleo aplicativo alto.

Agradecimentos

Esta pesquisa foi realizada durante o doutorado financiado pela FAPESP, sob o processo de número (2012/06769-7), e BEPE, sob o processo de número (2014/14044-2). Agradeço também ao MCTIC/CNPq/PCI processo institucional (444338/2018-7) e processo individual (300667/2019-1) pela bolsa do Programa de Capacitação Institucional (PCI) do Museu Paraense Emílio Goeldi. Especialmente agradeço à comunidade Karitiana pela colaboração e permissão para realizar o presente trabalho.

ROCHA, I. Introducing arguments to the karitiana verbal structure. *Alfa*, São Paulo, v.64, 2020.

- *ABSTRACT: This paper investigates how Karitiana (a Tupian language, branch Arikém, located in Rondônia, Brazil; population: 396 people - 330 speakers) introduces extra arguments into the basic verbal structures. In order to analyze and discuss the data, we adopted two theoretical frameworks, e.g., (i) the Hale and Keyser (2002)'s theory of argument structure and (ii) the theory of applicative heads, elaborated by Pylkkänen (2008). In the former proposal, Karitiana displays four verbal classes (intransitive, intransitive with oblique objects, transitive and ditransitive verbs) while, in the latter, the language has only two verbal classes (intransitive and transitive verbs). In Pylkkänen's framework, the Karitiana verbal system exhibits two basic structures in which additional arguments are added by applicative or voice nuclei. In causatives, voices only introduce higher arguments into the structures. However, applicative heads are divided into two types – high and low. The higher head inserts an extra argument above the VP; the lower one inserts the argument internally into the VP.*
- *KEYWORDS: Argument Structure. Applicative Heads. Verbal Classes. Karitiana Language.*

REFERÊNCIAS

BAKER, M. C. **Incorporation: A theory of grammatical function changing.** Chicago: University of Chicago Press. 1988a.

BAKER, M. C. Theta theory and the syntax of applicatives in Chichewa. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 6, n. 3, p. 353-389, 1988b.

BITTNER, M.; HALE, K. L. The structural determination of case and agreement. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v.27, n.1, p. 1-68, 1996.

BURZIO, L. **Italian syntax: A government-binding approach**. Berlin: Springer Science & Business Media, 1986.

EVERETT, C. **Gestural, perceptual and conceptual patterns in karitiana**. Houston: Rice University Press, 2006.

FARGETTI, C. M. **Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna**. 317f. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

HALE, K. L.; KEYSER, S. J. **Prolegomenon to a theory of argument structure**. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

LANDIN, D. An outline of the syntactic structure of Karitiana sentences. *In*: DOOLEY, R. A. **Estudos sobre línguas Tupi do Brasil**. Brasília: SIL Press, 1984. p. 219-254. (Série Lingüística, 11.).

LIMA, S. O. de. **A estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja): da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas**. 297f. 2008. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PYLKKÄNEN, L. **Introducing arguments**. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

ROCHA, I. Levantamento da situação sociolinguística da língua Karitiana. *In*: INVENTÁRIO NACIONAL DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA [INDL/IPHAN/MPEG]. **Levantamento regional da situação sociolinguística de 26 etnias indígenas da região de Rondônia**. Belém, PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018. p. 1-67.

ROCHA, I. Causativization in karitiana. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 9, n. 1, p. 183-197, 2014.

ROCHA, I. **A estrutura argumental da língua Karitiana: desafios descritivos e teóricos**. 220f. 2011. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

STORTO, L. Copular constructions in Karitiana: a case against case movement. **MIT Occasional Papers in Linguistics**, Cambridge, v. 41, p. 205-226, 2010.

STORTO, L. Caso e concordância nas línguas tupi. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 34, p. 59-72, 2005.

STORTO, L. Algumas categorias funcionais em Karitiana. *In*: ANPOLL. **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história**. v.1. Belém: Ed. da UFPA, 2002. p.151-164.

STORTO, L. Duas classes de verbos intransitivos em Karitiana (família Arikém, tronco Tupí). *In*: QUEIXALOS, F. (éd.). **Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question**. Paris: Lincom-Europa, 2001. p. 163-180.

STORTO, L. **Aspects of a Karitiana grammar**. 1999. Thesis (Ph.D. in Linguistics) - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1999.

STORTO, L.; ROCHA, I. Estrutura argumental da língua Karitiana. *In*: STORTO, L.; FRANCHETTO, B.; LIMA, S. (ed.). **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brazil**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 17-42.

Recebido em 12 de agosto de 2018

Aprovado em 21 de fevereiro de 2019